

---

# *A EVOCAÇÃO DA MEMÓRIA DO PERSONAGEM CAMILO MORTÁGUA NA OBRA DE JOSUÉ GUIMARÃES*

---

Tatiane Peres Zawaski<sup>13</sup>

Lúcia Regina Lucas da Rosa<sup>14</sup>

**RESUMO:** O presente artigo objetiva analisar, através de uma revisão bibliográfica, os fatos que levam o protagonista *Camilo Mortágua* a rememorar o passado para viver o presente. Constatamos, no romance de Josué Guimarães, que Camilo teve uma vida marcada pelas perdas e memórias do passado. Contudo, esta memória que, por ora, mais parece inimiga que aliada, faz com que o personagem reveja, através de um filme, toda sua história marcada pelas perdas familiares, pela traição e pela decadência financeira. Para esta análise recorreremos aos estudos de Bergson (1999), Candau (2012) e Ricoeur (2007), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Romance; Memória; Retratação; Narrativa.

**ABSTRACT:** This article aims to analyze, through a literature review, the facts that lead the protagonist Camilo Mortágua to remember the past to live in the present. Found in the novel by Joshua Guimarães, that Camilo had a life marked by losses and past memories. However, this memory that, for now, seems more enemy than ally, makes the character review, through a film, its history marked by family loss, the betrayal and the financial decay. For this analysis we turn to studies of Bergson (1999), Candau (2012) and Ricoeur (2007), among others.

**KEYWORDS:** Romance; Memory; Disclaimer; Narrative

---

<sup>13</sup> Professora de Língua Portuguesa do Colégio La Salle Esteio, Orientadora Educacional da rede Estadual de Ensino. Email: tatiane.zawaski@hotmail.com.

<sup>14</sup> Coordenadora do Curso de Letras do Unilasalle Canoas, Doutora em Literatura e Orientadora deste artigo.

## 1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Repensar o mundo para poder transformá-lo, certamente, este fora o desejo de muitos autores ao narrar suas histórias. Assim é a literatura, independentemente do autor, do tempo ou da época. Josué Guimarães não se distanciou deste desejo (GUIMARÃES, 1998, p. 3).

O romance *Camilo Mortágua* narra a história de uma família de estancieiros que são levados à pobreza. O protagonista, Camilo, no decorrer da história, rememora seu passado, punindo-se pelo que não fizera. O que, para Bergson (1999, p.84) é comum, já que, segundo o autor, utilizamos experiências passadas para as ações presentes. O personagem busca no presente as lembranças do passado para a construção de sua identidade e, até mesmo, de sua vida.

Como a memória é uma constante na narrativa, este artigo tem como objetivo investigar, através de pesquisa bibliográfica, o motivo pelo qual o protagonista evoca, constantemente, sua memória. Com isso, cabe, aqui, definirmos que o narrador, segundo Machado (2005) é quem faz a mediação entre a instância e o mundo narrado. Já, o personagem, para a autora, é aquele que participa da história narrada. E o autor é aquele que escreve, que cria a narrativa. Também é objetivo deste a análise destas evocações através dos estudos de Bergson (1999), Candau (2012) e Ricoeur (2007), entre outros.

## 2 CAMILO MORTÁGUA: ALGUMAS MARCAS DO ROMANCE DE JOSUÉ GUIMARÃES

O romance *Camilo Mortágua* narra a história do protagonista Camilo. O personagem é um senhor tranquilo, porém, ao iniciarmos a leitura do livro, não podemos imaginar o desenrolar de sua vida. Pessoa de poucas palavras, sempre pensativo, o homem escreve cartas diárias à filha Patrícia, ou ao filho João, contudo, estas nunca são enviadas, já que ele não sabia onde encontrá-los, como narrado em: “Com este velho meio maluco não adianta falar nada, ele anda sempre no mundo da lua. Todo o dia começa uma carta para a tal filha Patrícia e depois joga no lixo”. (GUIMARÃES, 2000, p. 12)

A história se passa na cidade de Porto Alegre, mais precisamente nas Avenidas Azenha, Independência, João Pessoa e Osvaldo Aranha. Também faz parte do cenário a Redenção, a Faculdade de Direito, a Igreja da Conceição e a Santa Casa de Misericórdia, entre outros. O próprio Guimarães (1988, p.3) sempre relatou que devemos ser fiéis às raízes de nossa terra, fato que o faz, em muitos romances, retratar seu Estado:

[...] passava agora pelo calçadão de areia da Redenção, pela Avenida João Pessoa, o parque ensolarado, os pássaros voando em bando, carros a passarem em alta velocidade, crianças que iam para o colégio, grandes nuvens que desenhavam formas estranhas no céu azul translúcido. [...] Passou pela Faculdade de Direito, onde passara bons anos de sua vida, as recordações se atropelavam, estugou o passo, precisava vencer o passado que não lhe interessava mais. Passou pela frente do velho casarão da Santa Casa de Misericórdia, pelas casas iguais do quarteirão, pela Igreja da Conceição, os velhos portões de ferro trabalhado, os gradis cheios de arabescos, cruzou a Rua Santo Antônio e foi quando diminuiu o passo [...] (GUIMARÃES, 2000, p. 57-58)

O tempo cronológico desta narrativa é o ano de 1964, marcado pelo Golpe Militar. No livro, constatamos a presença de militares por toda a cidade, já que eles estavam fazendo apreensões de pessoas, as quais eram suspeitas de estar envolvidas com o comunismo, como consta em “Carros da polícia infernizavam a cidade pacata, notou que havia pelas ruas soldados do Exército com fardamentos de campanha, mas não saberia dizer o que passava, o que ocorria naqueles dias tumultuados.” (GUIMARÃES, 2000, p. 59).

O clímax da narrativa ocorre quando Camilo vai ao cinema assistir à Cleópatra e depara-se com a retratação da história de sua vida e de sua família. O filme mostra a riqueza da família Mortágua, bem como a união dos familiares. Entretanto, uma sequência de perdas começa a ser narrada pelo autor. Dentre as perdas, estão as mortes, primeiramente, da cunhada, por quem tinha um grande afeto, seguida do cunhado, dos irmãos, do pai, da mãe, e, por fim, do filho. Certamente, o autor sofrera muito ao escrever este livro, já que, como ele mesmo relata, (GUIMARÃES, 1988, p. 5) há sofrimento em suas escrituras, pois ele entra na pele de cada personagem por ele criado:

[...] haviam trocado o filme sem avisar nada, aquilo era um desaforo. [...] Por alguns momentos ele ficou tão surpreso, reconhecendo cada grade, cada pilastra, as escadarias, todos os detalhes da casa da Independência, que tapou o rosto com as mãos, apertou as fronteiras em desespero, aquela era a sua casa, a casa grande do velho Quirino Borba Mortágua, o casarão onde D. Eudóxia imperava com mãos de ferro. (GUIMARÃES, 2000, p. 67)

Além de todas as perdas familiares e afetivas, também há a perda financeira, advinda da crise econômica e social a qual o país vinha passando. No romance, constatamos o início da decadência rural, contudo, logo os familiares acham uma saída para superar esta crise, mas a má administração e a vingança do sócio fazem a família perpassar de uma vida abastada a uma vida mais modesta. Fato que pode ser constatado em: “[...] estamos quase sem nada, a não ser esta casa, outras quatro de valor insignificante, meia dúzia de terrenos na cidade e um resto de terra que sobrou daqueles entreveros lá no Alegrete...” (GUIMARÃES, 2000, p. 125).

Camilo assiste ao filme de sua vida, relembra dos amores, primeiramente pela prostituta Nenete, logo por Cilita, filha de seu então sócio, e, após, Leonor, a mulher que o traiu e o fez repensar no significado do amor. Vivencia, novamente, os anos em que estudara Direito, sua formatura, as internações hospitalares dos irmãos, o casamento, o nascimento de seus três filhos e a perda do mais moço, considerada geradora do fim de seu relacionamento com a esposa. O mal que fizera à pobre Mocinha, tudo vinha a sua mente, conforme a narrativa: “Olha, escuta aqui, eu fui um canalha com a Mocinha, fiz mal a ela, terminei casando com outra e o resultado todo mundo sabe, uma vergonha para uma pessoa decente”. (Guimarães, 2000, p. 287).

De acordo com Guimarães (1988, p. 7), os temas de suas obras são sulamericanos, no caso de Camilo, o autor retrata o subdesenvolvimento, a insegurança política, a miséria, a doença e, até mesmo, a passividade diante do destino. Josué Guimarães sempre defendeu o amor como peça fundamental em sua escrita, fazendo a leitura de sua obra algo fascinante.

Memórias de arrependimentos também estão presentes na narrativa. Camilo, em alguns momentos, condena-se por não ter conduzido sua vida de outra forma. Sua morte é concebida como uma redenção. Tudo de bom ou mal que contribuiu a cada um que dele se aproximou pôde ser refletido neste momento:

Colocado na ambulância Camilo sentia uma doce sensação de paz e tranquilidade; [...] não conseguia articular uma palavra sequer, tinha a garganta seca e fechada; a sirene da ambulância estava muito distante, não senta mais nenhuma dor, seu corpo parecia flutuar, o sono pesado não lhe deixava abrir os olhos, os sons desapareciam e finalmente ele descansou para sempre. (GUIMARÃES, 2000, p. 434-435)

Se “escrever é comunicar” (GUIMARÃES, 1988, p.7), conforme a afirmação do autor, ele conseguiu, em suas narrativas, mostrar que o mundo precisava de mudanças, seja no campo político, social ou afetivo. Josué Guimarães sempre lutou pela justiça, e, certamente, em *Camilo*

*Mortágua* o retrato do desajuste social foi muito bem defendido por ele, pois as críticas que fez nos remetem a uma profunda reflexão social.

### **3 JOSUÉ GUIMARÃES: A TRAJETÓRIA LITERÁRIA E A DENÚNCIA DA DITADURA MILITAR**

Josué Guimarães, gaúcho, nascido em 07 de janeiro de 1921, na cidade de São Jerônimo, interior do Rio Grande do Sul, iniciou sua trajetória de escritor como jornalista, aos dezenove anos. Consagrado pela mídia, um dos grandes escritores do século XX, conquistou um lugar definitivo na literatura com a criação de personagens marcantes, os quais podem ser considerados como fonte de reflexão de situações cotidianas da vida.

Seu prestígio pôde ser constatado com os diversos prêmios ligados à literatura. O autor também fora homenageado em algumas bibliotecas. Suas obras ainda continuam sendo lidas e, por vezes, exigidas como leituras obrigatórias de vestibulares. Alguns de seus livros foram adaptados para o cinema e televisão, atingindo, assim, um grande sucesso de público.

Jornalista, político e romancista, Josué Guimarães pôde manifestar seu pensamento assim como se posicionar, politicamente, através de diversos meios ao longo de sua vida. Dentre suas obras, destacamos: *Amor de Perdição*, *Camilo Mortágua*, *Cavalo Cego*, *Dona Anja*, *É tarde para saber*, *Enquanto a noite não chega* e *A ferro e fogo I e II*.

Com *Camilo Mortágua*, publicado em 1980, o autor atingiu um de seus grandes sucessos em venda. Nesta obra, como em muitas outras, o autor procurou apresentar dados históricos com vistas a denunciar o desajustamento social, o qual pode levar um indivíduo à falência.

Através da palavra, Guimarães fez denúncias ao regime político do Brasil. Durante a Ditadura Militar, o autor teve de refugiar-se usando um pseudônimo. Para Lucas e Domingos (2013, p. 39), neste período, a literatura era vista como algo perigoso, já que, muitos autores podiam se opor ao regime vigente através da arte da palavra.

Segundo Remédios (1997, p. 18), compreender a literatura é compreender a cultura de um povo. Para a autora, através dos personagens, podemos vivenciar determinadas épocas conhecendo o contexto histórico-social do período. Por esta arte resgatamos sentimentos e valores de uma determinada época.

Josué Guimarães, em cada um de seus livros, faz com que o leitor vivencie, através dos personagens, diversas situações. Em *Camilo Mortágua* podemos perceber o choque gerado entre o mundo urbano e o mundo rural, obtido com a evolução capitalista. Concordo com Remédios (1997, p.21) quando a autora destaca que em suas obras encontramos parte de um jornalista e parte de um escritor, contudo, ambos foram perseguidos pela ditadura. Suas obras estão introduzidas em um contexto e não isoladas, por isso faz-se tão singular.

Vítima de um enfarto, o autor faleceu em 23 de março de 1986. Entretanto, certamente, ele conseguiu fazer com que cada leitor pudesse peregrinar por diversos lugares e acompanhar a vida de muitos personagens por ele criados. Pelas letras sua imagem nunca se apagará, sendo que ele viverá, eternamente, através de cada leitura, de cada análise ou de cada produção que venha contemplar sua vida e suas obras.

#### **4 CAMILO MORTÁGUA: UMA VIDA MARCADA PELAS MEMÓRIAS DO PASSADO**

Uma vida marcada pela perda, este foi o destino do personagem Camilo Mortágua, de Josué Guimarães. Um senhor pensativo e distante, por vezes, desligado, “certamente já foi alguma coisa na vida” (GUIMARÃES, 2000, p. 10). Assim é visto o protagonista da obra no início da narrativa. Um pouco além, mais uma descrição um tanto diferente da anterior: “[...] velho meio maluco não adianta falar nada, ele anda sempre no mundo da lua” (GUIMARÃES, 2000, p.12).

O velho Camilo, como mencionado por Guimarães, foi um homem sofrido. No romance, percorremos sua infância, juventude e idade adulta. Com base em Candau:

A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças à lembrança. Pela retrospectiva o homem aprende a suportar a duração: juntando os pedaços do que foi numa imagem que poderá talvez ajudá-lo a superar sua vida presente. (CANDAU, 2012, p. 15)

O menino caçula de uma família com grande posição social, reconhecida pelo luxuoso imóvel tem uma vida marcada por muitas perdas. Fato que o faz recordar, intensamente do que fora e o que fizera. Recorrendo a Ricoeur (2007, p. 453), os fatos vivenciados no passado são indestrutíveis, por isso a recordação faz-se tão presente na vida do protagonista. Ao chegar à

velhice, recordações e solidão são suas companhias, como constatamos na narrativa: “[...] a volta à solidão com a qual sempre sonhava quando lhe ocorria muito forte a memória dos irmãos e dos filhos, da mulher, da vida de antigamente.” (GUIMARÃES, 2000, p. 24).

Pensamento e memória são ações constantes do protagonista. Para Izquierdo (2004, p. 36) o vazio causado pelas perdas encontra na memória a essência de recordar. Segundo o autor, a recordação, guardada no tempo, fortalece a busca constante de si. É como se fosse possível retornar ao tempo e fazer algo que não fora feito, viver alguma coisa não vivida, ou, até mesmo, mudar atitudes e posturas tomadas em determinados momentos.

Candau (2012, p. 16) ressalva que modelamos nossa memória, contudo, ela também nos modela, assim vamos construindo nossa identidade. Na narrativa podemos confirmar o referido fato através da rememoração do protagonista.

Em consonância com Ricoeur (2007, p. 453) pensamos que as circunstâncias particulares do passado reputadas esquecidas e perdidas podem voltar. Com isso, justificamos os fatos narrados na obra, onde a memória do passado sempre é retomada.

Camilo, com todas as perdas que presenciava, desde sua infância, vivia em profunda obscuridade. A casa luxuosa, a qual deveria ser alegre e feliz já não era mais assim. Momentos festivos e comemorativos dividiam espaço com o luto e com a tristeza. Como narrado por Guimarães: “A casa estava mergulhada na semi-obscuridade, havia um estranho silêncio e tudo ainda era mais fantástico porque a casa deveria estar engalanada para as festas de fim de ano, dentro de dois dias seria o Natal” (GUIMARÃES, 2000, p. 87).

Conforme constatado na narrativa, a lembrança da infância do personagem não trazia boas recordações já que a tristeza e a melancolia eram uma constante em seus dias. Camilo não sabia distinguir a felicidade da tristeza. Perdas e datas festivas se intercalavam, tudo era registrado em sua memória que apenas fazia resgates sem que estes fossem trabalhados, ou, entendidos. De acordo com Moraes (2006, p. 73):

A vida mental ativa de uma criança é o inconsciente. Através dele a criança registra todos os acontecimentos internos e externos a ela. O que falta para criança nesta fase são apenas condições neurofisiológicas e físicas de expressar o que sabe. Fatos passados ficam ligados até a vida adulta se não forem trabalhados.

Se nos remetermos ao que descreve a autora, poderemos começar a compreender o motivo pelo qual o protagonista vivia tão distante e pensativo. Os fatos vividos no passado ainda eram muito presentes, pois ele não conseguia se desligar destes sentimentos e das perdas sofridas pela sua família. Para Bergson:

Digamos inicialmente que, se colocarmos a memória, isto é, uma sobrevivência das imagens passadas, estas imagens irão misturar-se constantemente à nossa percepção do presente e poderão inclusive substituí-la. (BERGSON, 1999, p. 69)

A adolescência chega junto com seu primeiro grande amor. Contudo, a emboscada planejada pelo pai e pelo irmão causa o afastamento de Camilo e Nenete. Após o sumiço da moça, mais amargura e desespero. Sem saber das artimanhas dos familiares, o jovem imagina ter sido trocado por outro. Assim, busca nos estudos o refúgio para os problemas do coração. Para Candau: “cada memória é um museu de acontecimentos singulares aos quais está associado certo “nível de ‘evocabilidade’ ou ‘memorabilidade” (CANDAU, 2012, p. 98). Em toda a narrativa constatamos a memorabilidade de Mortágua, pois as lembranças de seu passado faziam-se presentes no cotidiano. Assim, nos amparamos ao pensamento de Bergson (1999), onde os acontecimentos presentes sempre estarão arraigados à memória do passado.

Durante este tempo ocorre a epidemia da gripe espanhola que traz o falecimento da irmã, causado pelo vírus. O cenário de tristeza na casa dos Mortágua não muda. Passado um tempo vem o falecimento do pai, o suicídio de seu irmão e o desejo de suicidar-se, acabando, assim, com sua vida, como narra Guimarães:

Eu mesmo tentei me matar, mas a covardia chegava na hora e eu ia deixando para o outro dia, outra noite, sempre sem coragem, até que achei que não devia morrer e não sei se fiz bem ou se fiz mal – fez uma breve pausa, olhou bem para a dona da casa: - Sabe, eu acho que fiz mal. Afinal eu morri há tanto tempo. (GUIMARÃES, 2000, p. 145)

Recorremos a Freud (2000, p. 109), que em seus estudos descreve que todo o suicídio é um pedido de socorro para se viver. Assim, Camilo, na ânsia de morrer tinha o desejo de viver. A busca pelo convívio familiar fez o protagonista renascer. Sua vida começa a tomar outro rumo com a nova empresa e um novo amor, Mocinha.

Com a situação financeira estabelecida, queria dar outro destino para sua vida. Mocinha, moça simples, não servia para um homem como ele, dono de uma empresa rentável. Não



pensava mais em seu lado emocional e sim na sua família, no sustento do luxuoso casarão e de todos que dele dependiam.

O casamento com a filha do Comendador não apagava de sua memória Mocinha. Por vezes, Camilo lembrava que fora um canalha com a menina. Analisando esta memória, tão presente, no protagonista, vamos nos remeter ao que Donaldson (1996, p. 201) defende quando escreve que a mente humana sempre lembrará dos fatos que não compreende. Por isso, Camilo nunca esquecerá Mocinha, um amor não vivido pelo próprio preconceito.

Com a vida estabilizada, a chegada dos filhos, os constantes desentendimentos com a esposa Leonor, a recordação de uma vida não vivida com Mocinha faziam-se mais presentes em sua memória. No momento em que tudo parecia transcorrer bem, a notícia de mais alguns golpes.

A morte de um filho, seguido da falência da empresa, a traição da mulher, e a separação. Iniciava ali uma vida mais modesta sem a base familiar. Com todas estas transformações, o personagem lembra dos bons momentos em que vivera e confessa o amor por Mocinha, conforme narra Guimarães: “Eu continuo gostando dela até hoje. Palavra, D. Consuelo, tanto é verdade que estou pedindo para a senhora encontrar Mocinha e dizer que eu estou aqui, estou precisando dela, ela que venha com urgência” (GUIMARÃES, 2000, p. 284). De acordo com Bergson:

Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada. Na maioria das vezes, estas lembranças deslocam nossas percepções reais, das quais não retemos então mais que algumas indicações, simples "signos" destinados a nos trazerem à memória antigas imagens. (BERGSON, 1999, p. 30)

Para Moraes (2006, p. 112), devemos mudar nossa mentalidade de querer solucionar hoje os problemas do passado. Camilo, ao recordar, tentava reviver, de forma diferente, um fato já transcorrido. Na busca de soluções, o personagem multiplicava sua tristeza intensificando este comportamento a cada recordação.

Com a vida transformada, Mortágua sofre mais duas decepções. O filho, contador do banco do avô, rouba da empresa para tentar salvar o pai da miséria. Enquanto isso, a filha Patrícia foge com um médico casado, deixando a todos sem dizer para onde ia. Após o roubo, o filho também se refugia e Camilo fica solitário, decidindo assim, morar numa pensão e viver do aluguel do único imóvel que lhe restara.

Sem entender todas as transformações de sua vida, Camilo escreve diariamente cartas aos filhos, porém, nunca as envia, já que sequer sabe onde eles se encontram. Nestes momentos profunda tristeza e recordações alimentam sua vida. Na memória, apenas os males causados à Mocinha. O protagonista puniu-se constantemente, como relata Guimarães: “Olha, escuta aqui, eu fui um canalha com a Mocinha, fiz mal a ela, terminei casando com outra e o resultado todo mundo sabe, uma vergonha para uma pessoa decente” (GUIMARÃES, 2000, p. 287).

Moraes (2006, p. 115) aborda que em algumas situações a memória revive, de forma inconsciente, os contínuos problemas que se apresentam através das recordações. A busca incessante pelo seu amor, Mocinha, era uma forma de reviver seu passado e tentar desfazer o mal causado à moça. Revivendo sua história e rememorando suas lembranças, Camilo tentou recuperar situações mal vividas ou, até mesmo, não vividas. Sua morte fez desaparecer os fantasmas de sua memória, elas perdem-se, de forma que Mortágua descansou para sempre, exceto nas lembranças daqueles a quem fez o bem.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo refletiu sobre o processo de memória constantemente evocada pelo protagonista a fim de reviver fatos e cenas marcantes de sua vida. Com isto, consegue reconfortar-se e praticar algo que lhe fortalece, pois rememorar é um fator comum no cotidiano das pessoas, como abordado por Candau (2012).

Baseado em estudos bibliográficos constatamos que a memória é um museu de acontecimentos, como bem defendido por Candau (2012, p.98). Camilo, ao fazer suas evocações, refletia sobre determinadas épocas de sua vida, assim como manifestava certas mágoas por algo que não vivera.

Ao fazer estas evocações, o personagem encontrava-se consigo mesmo. Compreendia o mundo a sua volta e, também, entendia o porquê de algumas situações. A busca constante por si mesmo fazia com que ele construísse sua identidade e buscasse, no passado, uma solução para seu futuro que, por ora, era tão incerto e duvidoso.

O passado nunca estará definitivamente esquecido e inacessível, como podemos constatar na narrativa. A lembrança, advinda da memória, fez com que o personagem revivesse

acontecimentos passados com vistas a encarar a vida presente. Para Candau (2012, p. 15) a memória constitui nossa vida. Fato que pode ser comprovado, já que o personagem não conseguia viver o presente sem que evocasse o passado.

Camilo Mortágua representa muitas pessoas de nossa sociedade. Sua vida, suas lutas e sua memória, narradas por Josué Guimarães, são fontes de profunda reflexão de vida.

## REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CANDAU, Jöel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

DONALDSON, Margaret. **A mente humana**. São Paulo: Martins Fontes, 1996

FREUD, Sigmund. **Obras Completas: Psicologia das massas, análise do eu e outros textos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GUIMARÃES, Josué. **Camilo Mortágua**. Porto Alegre: L&PM, 2000.

\_\_\_\_\_. **Autores Gaúchos**. Conselho Estadual do Desenvolvimento Cultural. Instituto Estadual do Livro. Porto Alegre: IEL, 1988.

IZQUIERDO, Iván. **A arte de esquecer**: cérebro, memória e esquecimento. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2004.

LUCAS, Rita de Cássia Silva; DOMINGOS, Charles Sidarta Machado. **A denúncia da ditadura nas obras de Josué Guimarães**. Artigo científico, disponível em: <http://revistahistoriauft.files.wordpress.com/2014/02/artigo75-nova.pdf> (Acesso em 14/05/2014)

MACHADO, Maria Luiza Bonorino. **O narrador nos contos fantásticos de Borges e Cortázar**. Revista Organon – V.19 – nº 38 – ano de 2005. Artigo científico disponível em: [seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/30061/18646](http://seer.ufrgs.br/organon/article/viewFile/30061/18646) (Acesso em 25/08/2014)

MORAES, Renate Jost de. **As chaves do inconsciente**. Petrópolis: Vozes, 2006.

REMÉDIOS, Maria Luíza Ritzel. **Josué Guimarães o autor e sua ficção**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.